

A CRÍTICA TEXTUAL, A ECDÓTICA E OS ESTUDOS DA LÍNGUA ESCRITA

José Pereira da Silva (UERJ)
pereira@filologia.org.br

Assim como os estudos diacrônicos ou históricos das línguas se fazem a partir da língua escrita, também o ensino da língua padrão oficial de qualquer país não tem por fundamento a sua língua oral, que não consegue se fixar sequer na fala de um mesmo indivíduo.

Nos estudos literários de qualquer natureza, é injustificável a adoção de uma edição deturpada ou alterada do texto, pelo que se deve prezar a crítica textual como atividade filológica destinada a preparar edições fiéis à última vontade consciente do autor em relação a sua obra.

O filólogo e o filologista preparam edições confiáveis e autênticas de textos, tanto antigos quanto modernos, de modo que se consiga uma versão do texto que possa ser utilizada para fins específicos. Explicar o sentido de um texto e descobrir, depois, que ele não corresponde ao texto emanado do autor é bem frustrante.

Assim, uma edição crítica pode ser conservadora ou não conservadora, dependendo do seu objetivo e público-alvo: a primeira mantém as formas linguísticas do texto para ser utilizado em estudos de gramática histórica, por exemplo. A segunda atualiza a grafia, a pontuação e algumas outras coisas (rigorosamente definidas em introdução metodológica), tornando-se inadequada para estudos histórico-linguísticos, mas de grande utilidade para a divulgação da obra.

A ecdótica é a arte e a técnica de editar ou publicar textos. Por isto, os professores, pesquisadores e autores dependem dela. Aliás, a maioria dos professores já teve a necessidade de preparar uma apostila para algum curso ou para alguma disciplina escolar.

Trataremos da contribuição da Crítica Textual e da Ecdótica no estudo escolar da língua padrão escrita, a mais prestigiada do país e mostraremos algumas técnicas simples de edição de textos.